

Entre a análise do discurso e a psicanálise o sujeito

Jarbas Vargas NASCIMENTO (PUC/SP-UFES)

Considerações Iniciais

Muito se tem discutido sobre a categoria sujeito, seja na Linguística, na Psicanálise, na Filosofia, dentre outros campos do conhecimento em que essa categoria é alvo de investigação. Autores como Pêcheux (1938-1983), Freud (1856-1939), Lacan (1907-1981), Kant (1724-1804), Descartes (1596-1650), Husserl (1859-1938), Maingueneau (1997, 1998, 2000, 2006, 2007, 2008, 2013, 2015) integram essa lista. Para avançar no exame da noção de sujeito, na Análise do Discurso de linha Francesa (AD), na contemporaneidade, procuramos identificar tanto alguns *insights* quanto aspectos problemáticos nos estudos de Pêcheux (1988, 2006), quando aborda a forma-sujeito, associando-a às relações que ela promove entre o linguístico-discursivo, a ideologia, o inconsciente e as condições sócio-históricas de produção do discurso. O fato

de o sujeito ser interpelado pela linguagem, atravessado pelas condições sócio-históricas e determinado pelo inconsciente torna-se uma categoria de difícil compreensão. O próprio Lacan (1964/1988) obscurece essa questão, ao afirmar que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* e, que *o sujeito é efeito do significante*, esclarecendo que há um sistema de relações anteriores ao sujeito.

Pensando, então, assumir o sujeito como objeto de estudo em uma abordagem interdisciplinar para comprovar sua relevância no seio da AD, retornamos à década de 1960, para entender como ele se inseriu na Linguística. Nesse momento, emerge essa disciplina e julgou-se necessário conceber o sujeito na interdisciplinaridade com a história, por meio da perspectiva materialista da ideologia althusseriana e de particularidades da Psicanálise Lacaniana. Ora, Pêcheux (1988), nas origens da AD, parte da premissa de que o ideológico e o inconsciente são dados constitutivos da linguagem e, por conta disso, há necessidade de integrar o sujeito no quadro teórico-metodológico da AD, disciplina engendrada como uma crítica às Ciências Sociais.

Na verdade, Pêcheux, querendo colaborar na organização de uma disciplina do discurso, arrisca proceder uma ruptura no interior da Linguística, ao inscrever, na epistemologia da AD, elementos do Materialismo Histórico de Althusser e da Psicanálise Lacaniana para compreensão do sujeito. Para estabelecer sua concepção de sujeito, Pêcheux (1988, p.175) é categórico em postular que *não há prática discursiva sem sujeito*.

Embora a AD tenha avançado significativamente em seu domínio epistemológico, é preciso reconhecer, desde já, a herança de Pêcheux em relacionar, à sua época, a Linguística, o Marxismo Histórico e a Psicanálise Lacaniana e tentar romper com o estruturalismo linguístico, que considerava a linguagem, funcionando

como um instrumento de comunicação. Vale acrescentar que é de Pêcheux o ponto de vista que reforça essa consideração, quando afirma que

[...] a expressão instrumento de comunicação deve ser tomada em sentido figurado e não em sentido próprio, na medida em que esse “instrumento” permite, ao mesmo tempo, a comunicação e a não comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade, em razão do fato de não se estar tratando, em primeira instância, da comunicação de um sentido. (Pêcheux, 1988, p. 93)

Esse deslocamento produz um corte no tempo e possibilita-nos pensar a o inconsciente como elemento constitutivo da linguagem e, por consequência, da discursividade. Observamos, ainda, que em seu Seminário intitulado “os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise”, na lição de 22 de janeiro de 1964, Lacan profere um dos seus mais conhecidos aforismos, repetido inúmeras vezes em seus seminários e textos: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*, ou seja, funciona com as mesmas regras da linguagem.

Assim, desde o início da formulação da AD, o sujeito tem se tornado uma particularidade em seus estudos e não restam dúvidas de que o ponto de vista de Pêcheux desempenhou um papel significativo, embora apresente uma abordagem estruturalista e sua concepção sobre sujeito seja determinista. Neste sentido, longe de considerar o sujeito apenas no âmbito da linguagem, Pêcheux pretendeu projetar uma nova perspectiva de sua compreensão, ao relacioná-lo à ideologia e ao inconsciente. Contudo, seu enfoque falha por enfatizar estruturas subjacentes como determinantes do comportamento humano. Inclusive, há críticos que apontam ser a noção de sujeito, em Pêcheux, excessivamente determinista, pois

negligência a variedade de experiências, que contribuem para a sua constituição. Enfim, a abordagem de Pêcheux torna o discurso muito opaco, obscurecendo a relação entre o sujeito e o sentido. Na verdade, a ênfase nas estruturas discursivas, proposta por Pêcheux, pode levar a uma compreensão limitada da dinâmica do sentido na interação discursiva.

Ainda que façamos críticas às análises ditas estruturais na compreensão do sujeito, o projeto de Pêcheux não passou despercebido na AD, na medida em que ele trouxe *insights* significativos sobre a relação linguagem, inconsciente e ideologia, na origem da AD. Exemplo disso, está em sua argumentação de que a Psicanálise Lacaniana pode compartilhar e enriquecer a compreensão da consciência do existir do sujeito, considerando que ele não se manifesta como *uma entidade pré-existente e autônoma, mas um produto da linguagem e também da ideologia* (PÊCHEUX, 1988, p.102).

Apesar de que, nos anos 1950, os estudos de Harris (1952/1970) tenham apresentado uma análise com base no distribucionalismo americano, e os de Benveniste (2005) sobre a enunciação, a inserção do sujeito no processo da enunciação, Pêcheux foi o primeiro a tornar o sujeito uma categoria central nos estudos do discurso. Isso nos oportuniza afirmar que a noção de sujeito está presente desde a origem da constituição teórico-metodológica da AD e, ao que nos parece, continua sendo uma categoria não superada. Além disso, hoje, em outro momento, o sujeito se metamorfoseou, é uma instância complexa e multifacetada e está incorporado nos debates da pós-modernidade, permanecendo como um pressuposto teórico fundamental. Sobre a complexidade dessa categoria, encontramos em Foucault a seguinte declaração: *O Sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar* (FOUCAULT, 2002, p. 330).

Por isso, diante dos questionamentos que apresentamos acima sobre o enfoque de Pêcheux, somos levados, obrigatoriamente, ao afastamento de suas ideias, para nos apoiar em Maingueneau, em cuja pertinência teórico-metodológica, o sujeito não se reduz a uma forma ou posição.

Essa orientação teórico-metodológica é que nos dará suporte para o exame do sujeito na cenografia de **Um só gole**, discurso literário escrito por Miriam Alves. Nesse espaço discursivo, o sujeito se movimenta por meio de diferentes posturas e, no processo criativo da cenografia literária, serve-se de múltiplos mecanismos discursivos, principalmente de uma paratopia de recusa, que reconhece um mundo dominado pelo branco e, ao mesmo tempo, de uma paratopia de resistência, por não encontrar lugar nesse mundo.

Situando o debate

Como pudemos observar até aqui, a AD assina sua gênese pela interdisciplinaridade, empreendendo romper com os modelos científicos, que disciplinavam as Ciências Humanas, no final da década de 1960. Para isso, associou Linguística, Psicanálise e Materialismo Histórico, na tentativa de construir um projeto epistemológico capaz de propor dispositivos analíticos de apreensão de discursos e ampliar a compreensão do sujeito envolvido em práticas sociais. Essa perspectiva é reforçada por Ferreira (2005, p. 16), quando ela afirma que

A AD caracterizou-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de ruptura a uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a

outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise (...) A AD recorta, portanto, seu objeto teórico (o discurso), distinguindo-se da linguística imanente, que se centra na língua nela e por ela mesmo, e também nas demais ciências humanas, que usam a língua como instrumento de explicação de textos.

Além disso, o destaque que a AD e a Psicanálise dão ao sujeito parece robustecer a problemática colocada por Pêcheux, ao final da década de 1960, Evidentemente que Althusser, em sua releitura de Marx, e Lacan, em sua releitura de Freud, tornam-se referências para Pêcheux e, em consequência, para a AD e para outras disciplinas que emergiram no auge do Estruturalismo. Além disso, Lacan apoia-se nas reflexões dos filósofos Heidegger e Hegel, do linguista estruturalista Saussure e do antropólogo estruturalista Lévi-Strauss, para fundamentar e elaborar sua noção de inconsciente e de sujeito. Em função disso, de forma sintética, podemos afirmar que Pêcheux busca suporte no Materialismo Histórico e na Psicanálise Lacaniana para a consolidação do quadro epistemológico da AD, em sua origem, pois

Seu procedimento é o de uma espécie de psicanalista do discurso animado por um projeto marxista, cujo alcance é simultaneamente político e epistemológico, procedendo a uma análise – leia-se decomposição – dos textos, procura-se revelar a ideologia que eles estão destinados a dissimular; significativamente a palavra “analista” designa igualmente os psicanalistas e “análise”, a psicanálise. (Maingueneau, 2015, p.19)

Enfim, parece-nos que Pêcheux partia do princípio de que o sujeito tinha voz, mas não sabia o que estava dizendo. Por isso, a ideologia e o inconsciente estão ocultos na/pela linguagem e precisam ser descobertos.

Em contrapartida, os esforços contemporâneos na epistemologia da AD tornam o estudo sobre o sujeito muito desafiador. Isso porque, as condições de comunicação, a inscrição sócio-histórica, as questões relativas à linguagem e outras exteriores a ela, que incidem sobre o sujeito, tais como as do inconsciente se configuram discursivamente com o intuito de *construção de uma identidade enunciativa que é tanto “tomada de posição” como recorte de um território cujas fronteiras devem ser redefinidas* (MAINGUENEAU, 2008, p.151).

Resta-nos acrescentar, ainda que, atualmente, Maingueneau tem dado contribuições significativas, que ampliam o construto-teórico metodológico da AD, apropriando-se de conceitos de correntes como a Pragmática, a Linguística Textual, entre outras, mas ancorando-se, particularmente, na Teoria da Enunciação. Sua abordagem amplia a noção sujeito e confirma-o como inerente ao discurso, quando postula que

o discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais (EU-AQUI, AGORA) e indica qual é a atitude que ele adota em relação ao que diz e a seu destinatário. (MAINGUENEAU, 2015, p.27)

Com base, portanto, na concepção de que não há discurso sem sujeito e que ele, de alguma maneira, se inscreve na cenografia como um constructo linguístico-discursivo, intrínseco à discursividade, julgamos possível sim propor um diálogo entre a AD e a Psicanálise e contribuir para o debate sobre a constituição do sujeito e, de modo particular, o sujeito, que emerge no Discurso Literário Negro. Por meio de marcas e mecanismos, que explicitamos durante o percurso que delineamos, nesse capítulo, julgamos possível estabelecer articulações entre a instância sujeito na cenografia do Discurso Literário Negro e o registro do simbólico e do imaginário perspectivado em Lacan. Nosso material de exame é o discurso *Um só gole*, retirado da obra *Mulher mat(r)iz*, lançado em 2011, escrito por Miriam Alves, uma das mais influentes escritoras negras contemporâneas, tendo sua produção estético-discursiva materializada em antologias nacionais e estrangeiras. Nesse discurso literário, a forma de organização da cenografia possibilita-nos compreender um desdobramento da vida, cuja verdade representa a reconstrução de um processo de identificação de um sujeito excluído pela cor de sua pele, que denuncia, por meio de uma cenografia de monólogo interior, um trauma sofrido, na infância.

É necessário ponderar que, para Maingueneau (2015), o sujeito não é uma entidade preexistente, que se expressa por meio da linguagem, mas é construído discursivamente por práticas discursivas e por normas sociais, que organizam a produção do discurso. Neste sentido, Maingueneau se distanciou de Pêcheux, pois enfatiza a dimensão social e histórica do sujeito, argumentando que a identidade do sujeito é moldada pelas relações de poder, pelos discursos dominantes e pelas convenções sociais. Além disso, Maingueneau (2008b) destaca a noção de primado do interdiscurso, referindo-se a um conjunto de discursos, que mantém uma relação discursiva entre si, marcado na superfície discursiva.

O sujeito, nessa perspectiva, é entendido como um ponto de convergência de múltiplas relações discursivas, e sua identidade é construída na interação com outros discursos. Esse é o entendimento que nos orienta na análise e funcionamento do Discurso Literário Negro, principalmente, quando entra no debate o posicionamento da Psicanálise Lacaniana de que *o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem* (LACAN, 1981, p. 135), sendo o sujeito quem constrói e é construído pela/na linguagem.

Identificada a questão teórica que nos move, e o interesse da AD e da Psicanálise Lacaniana pela categoria sujeito, impulsionamos a analisar o sujeito, que se instaura na cenografia literária, que corresponde ao universo configurado pelo discurso. Embora interesses divergentes entre as duas disciplinas, é forçoso reconhecer a eficácia do argumento de que *escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo*. (EVARISTO, 2007, p. 20).

Por se tratar de uma criação literária, para enunciar, em *Um só gole*, o sujeito se apropria da enunciação, assume marcas de linguagem no ato enunciativo e revela verdades do inconsciente do sujeito negro, para desvelar um trauma marcante de sua existência passada, que mantém estreitas relações com as instituições sociais. Assim, como produto social, o Discurso Literário Negro, escrito por Miriam Alves, supõe a necessidade de o sujeito jogar com suas memórias de vida, seus medos, delírios e alucinações e de outras escrevivências, no processo de criação, a fim de vincular um sujeito criador a um sujeito social, recurso estético-discursivo, inerente a esse tipo de discurso. Neste sentido, tal discurso deve ser valorizado, em sua profundidade, como indício e traço de identidade e de resistência do sujeito negro pelo ressentimento de exclusão étnico-racial, condição socioidentitária dolorosa, que

nosso estudo coloca em debate. A começar, refutamos a crítica de que o Discurso Literário Negro seja inferior e, por isso, não considerado canônico. Alves (1985, p. 13) refere-se a essa rejeição com o seguinte argumento:

Vamos falar da literatura à maneira praticada por nós os negros. No momento em que nós a praticamos, ela assume um compromisso social personificado. À medida que falamos do nosso lugar numa maneira própria, estamos dizendo coisas que muita gente não quer ouvir, ou tem medo de ouvir. E nesse exato instante estamos rompendo a máscara da invisibilidade colocada em nós por aqueles que nos querem negar ou ver à sua maneira, maneira esta que basicamente consiste em nos retratar em um servilismo que não tem outro objetivo senão o de se curvar a vida alheia, que de preferência deve ser a vida de algum branco.

Assim é o Discurso Literário Negro. Constituído com marcas da ancestralidade, e objetivando a mesma inserção sociocultural como outros discursos de diferentes campos do saber em que, por motivos de poder da classe dominante, continuam, ainda, apagado. *O Brasil é dos brasileiros, porém é preciso acrescentar que é de todos os brasileiros.* (Cuti, 2010, p.11)

Embora a noção de sujeito, nas perspectivas de Maingueneau, seja atravessada por perspectivas sócio-históricas, cabe-nos testar os limites e o desempenho dessa instância na análise do Discurso Literário. Além disso, é necessário operacionalizar a noção de cenografia, tão relevante na abordagem de Maingueneau (2006,

2008). Entretanto, as discussões propostas, por serem complexas, exigiram-nos lembrar informações, que fundamentaram os estudos sobre o sujeito. Nesta direção, Leandro-Ferreira (2005, p. 2) afirma:

A categoria de sujeito procede da filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico. É sempre bom lembrar, contudo, que Freud, ainda que não a nomeasse diretamente, já tratara em textos iniciais, do que seria o essencial em matéria de inconsciente. A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da análise do discurso. E Pêcheux não fica surdo a essa voz; muito ao contrário.

Compreendemos por esta afirmação não somente o caráter interdisciplinar da AD, mas também por trazer à tona uma discussão sobre a categoria sujeito, uma vez que consideramos a necessidade de inclusão da Psicanálise Lacaniana na análise do Discurso Literário Negro. Esse é, sem dúvida, um dos espaços em que, pela tensão de seus enunciados, o sujeito negro dá a conhecer sua identidade e sua condição não somente de subalternidade, mas de resistência, como podemos vislumbrar no estudo do discurso **Um só gole** de Miriam Alves. Esse discurso não somente constrói uma cenografia que diz o que o sujeito negro representa, mas também valida a realidade que ele externaliza, porque vivida por ele e pela comunidade discursiva negra, que ele conhece e deseja legitimar. Por isso, o discurso Literário-Negro ocupa um lugar de confronto entre posicionamentos estético-discursivos, que investem de tal

maneira, na cenografia, que o sujeito recria o mundo, ressignifica valores, a fim de recuperar sua identidade apagada.

Nesse sentido, por conta de seus dispositivos teórico-metodológicos, a AD se constitui como uma possibilidade de a Linguística assumir outros espaços, ou seja, ampliar seu campo para além da frase e do texto, uma vez que a incorporação de mecanismos histórico-ideológicos e marcas de subjetividade entram em cena para corroborar na produção discursiva, *fornecendo o domínio de validação de seus conceitos e de seus procedimentos* (Courtine, 2006, p.11). Assim, cabe ao analista do discurso ter em mente, além das marcas linguísticas, as condições sócio-históricas e culturais de produção do discurso, valorizando o sujeito, pois que ele se institui discursivamente.

Tocados pela relevância discursiva da instância sujeito, tão significativa para a AD e a Psicanálise, na medida em que a linguagem cria a realidade humana, concedendo-lhe garantia de identidade social e discursiva, faz-se necessário abordar o sujeito, a fim de compreendermos como ele se institui na cenografia literária negra em sua relação com o inconsciente e em confronto com as forças socioculturais produtoras de racismo. O caráter interdisciplinar da AD torna-se-nos indispensável trazer para o interior dessa nossa discussão a Psicanálise Lacaniana. Em vista disso, relacionar sujeito, inconsciente e discurso e suas possíveis interações na análise do discurso literário de Miriam Alves, parece-nos produtiva, pois na ausência desses enlaçamentos, o discurso literário não passaria de um simples ambiente de comunicação verbal indecidíveis. O discurso literário, em síntese, cria um sujeito, cuja enunciação vai além de uma fonte enunciativa, na medida em que ele participa ao mesmo tempo do mundo comum e de forças que extrapolam o mundo dos homens

Mainueneau avança muito na epistemologia da AD, ao considerar o modo de inscrição do sujeito no discurso, incluindo em seu constructo a teoria da enunciação. Para seu projeto de AD, a teoria da enunciação é fundamental, pois ela possibilita integrar no discurso dispositivos de organização linguística e o lugar social de sua produção, inclusive o sujeito e a temporalidade. Dessa forma, pressupõe-se o princípio da inseparabilidade entre o discurso e as condições sócio-históricas de sua produção e circulação. Neste sentido, grande parte do sucesso de Mainueneau reside na não constituição da AD como uma disciplina homogênea, tendo em vista que ele assegura uma interdisciplinaridade constitutiva dessa disciplina com a História, a Sociologia, a Sociolinguística, a Psicanálise, dentre outras, para viabilizar a epistemologia da AD.

A preocupação com a noção de sujeito continua, por conseguinte, sendo objeto de estudo tanto da Linguística quanto da Filosofia e da Psicanálise, dentre outros campos do saber, interessados pela convergência de novos objetos, que alteraram os rumos das Ciências nos séculos XX e XXI. Notemos, por exemplo que, desde o século XVII, o campo da Filosofia esteve extremamente marcado pela questão do sujeito, pois que o *cogito* cartesiano, por exemplo, se tornou responsável pela ação do pensamento humano por meio da autonomia da consciência. Essa questão é proposta por Descartes (1596-1650) em suas *Meditações Metafísicas*, ao apresentar às ciências uma substância pensante que, em oposição a uma substância não pensante, determina a atividade do pensamento.

Por certo, não está de modo algum explícito, na ciência, que seja necessário preocuparmo-nos somente com os novos conhecimentos. Entretanto, o pensamento moderno parece colocar o sujeito em uma situação, cujo limite é marcado pela relação entre um ser pensante e algo palpável e mensurável, possível de observação em sua extensão. Tudo se passa como se apreendêssemos o sujeito

como fundamento do pensamento e medida de tudo e, por isso, pudéssemos responder, no nível do conhecimento discursivo, às necessidades de legislar as ciências humanas.

Nesse sentido, por conta de seus dispositivos teórico-metodológicos, a AD se constitui como uma possibilidade de a Linguística assumir outros espaços, ou seja, ampliar seu campo para além da frase e do texto, uma vez que a incorporação de mecanismos histórico-ideológicos e marcas de subjetividade entram em cena para corroborar na produção discursiva, *forneendo o domínio de validação de seus conceitos e de seus procedimentos* (Courtine, 2006, p.11). Assim, cabe ao analista do discurso ter em mente, além das marcas linguísticas, as condições sócio-históricas e culturais de produção do discurso. Ademais, torna-se fundamental valorizar o sujeito, pois com isso há uma preocupação que redunde em descentrá-lo no discurso, pois refletindo sobre si, ele reflete sobre os outros.

O sujeito em Um só gole de Miriam Alves

Para procedermos, então, à análise do discurso literário **Um só gole** escrito por Miriam Alves, privilegamos o sujeito, a fim de examinar como essa categoria investe na cenografia para enunciar. O sujeito se configura indispensável no processo de negociação de efeitos de sentido, principalmente, quando percebemos, na organização do Discurso Literário Negro, manifestações estético-discursivas, que partilham representações inconscientes do sujeito com suas reais condições de existência. Com efeito, no discurso de Miriam Alves, a cessação da voz e o apagamento da identidade do sujeito negro, em sua função prático-social, desempenham um papel fundamental para a sua constituição.

Neste sentido, o sujeito assume uma posição central para expressão da identidade e de sua conexão com a ancestralidade, ao apoiar em sua própria história e cultura. Embora não possamos identificar o sujeito apenas por marcas linguísticas que o representam, por exemplo, como enunciador e co-enunciador, definido pelas formas paradigmáticas do eu e do tu, em **Um só gole** a identificação constante como “eu” enfatiza a natureza pessoal e íntima da experiência encenada pelo sujeito, no mesmo instante em que ressalta as experiências da população negra brasileira.

A construção da cenografia

No discurso **Um só gole** de Miriam Alves, o conjunto de enunciados que o organiza, movimenta uma cenografia de monólogo interior em que o sujeito, desesperado, enuncia que quer morrer, ao mesmo tempo em que busca alcançar uma nova maneira de viver. É nesse lugar de confronto paratópico, que o discurso em estudo se organiza. Para facilitar a análise, numeramos o discurso selecionado em recortes, ou seja, em unidades discursivas, entendidas como fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Um recorte é, assim, um fragmento da situação de enunciação e o resultado de um conjunto semântico que instituímos como unidade de análise, ou seja, um espaço de exploração analítica, que nos permite examinar o discurso e os enunciados que provocam o nascimento do sujeito. Além disso, a cenografia em **Um só gole** reflete o caráter teatral da cena e visa a mostrar que o sujeito, consciente de que a distância entre o presente que enuncia uma situação de infância, permite-lhe reelaborar uma experiência de vida por meio de um discurso em que um trauma sofrido na escola, quando criança, se converte em objeto de produção discursivo-literária.

Afinal tinha me saído bem no papel anterior. Os risos aumentavam de intensidade. Diante de minha obstinação, Ergos disse: - “Maria não pode ser da sua cor”, Chorei, lágrimas sorriam entrecortadas por soluços. Isto fazia a hilaridade da criançada que improvisava um coro: - “Maria não é preta, é Nossa Senhora. Maria não é preta, é mãe de Jesus”. Corri sala afora. Corri dos colegas, da aula, da escola (Recorte 2)

Essa reflexão permite à escritora, por meio de sua escrita literária, realizar uma autoanálise, ou seja, uma espécie de espelho que reflete seu auto objeto. Daí o distanciamento entre um sujeito que olha e outro sujeito visualizado e o lugar onde a cenografia cria condições para que o sujeito enuncie consigo mesmo, tornando seus enunciados um posicionamento de seu pensamento.

Um só gole

Enquanto os meus pés, levando-me percorrem avenidas cravejadas de pedras, dirijo-me guiada pelos meus pensamentos. Não importa para onde vou. Eu vou. Eu ia interrogar-me o motivo deste ato. Pensei em suicídio, várias vezes. Tenho medo. Muito medo. Não tenho medo de morrer, acho que é para isso que servem os suicídios. Sinto medo de viver. É por isso que existem os suicidas. Medo de viver. Medo da vida.

Os meus pés levam-me sem rumo, como sempre. O que importa os rumos? Num estalo de segundo percebi que eu estava margeando o rio Mandaqui, andando

numa marcha abobalhada, de lá para cá, daqui para lá como um soldado guiado por ordens de sargento. Meu sargento, quem era o meu sargento? Eu tenho medo da polícia. (**Recorte 1**)

Parece que vai chover. Meus pensamentos são nuvens prontas a descarregarem suas balas sobre todos, até sobre os poucos transeuntes que timidamente se atrevem a movimentar os olhos distraidamente para mim. Tenho medo de meus pensamentos. Desconfio dos olhares.

As nuvens densas, carregadas de energias, continham-se. Eu me continha. Quieta. Eu sempre me contive densa. Sempre montei prontidão nos meus atos. Sempre me contive densa. Sempre montei prontidão nos meus atos. Sempre silencieei os barulhos surdos do meu porão interior. Pensei em suicídio. Estou imóvel. Estar imóvel não era a morte? Ficar energeticamente parada não é suicídio? Estava carregada de energia, porém estática.

Será que vai chover? As nuvens estão lá, ameaçando. Densamente, movi os braços. As mãos balançam de um lado para o outro descompassadamente. Pensei em voar. Alcançar as nuvens. Sumir. Não saio do chão.

O martelo da dúvida lateja minha frente, desfecha impiedosos golpes como um torturador profissional, procura acertar sempre no mesmo lugar. Faz sangrar.

Quer romper o tampão da cabeça. Forçar o deságue das lágrimas.

Pensei em morrer, ali nas margens de um rio fétido. Estou parada às margens de minha própria vida. Minha estória desfila no leito lodoso do Mandaqui, como uma terça-feira de carnaval. Eu estou na arquibancada paga. Contenho-me para não me atirar, pulando os cordões de isolamento e abraçar de uma só vez todas as emoções repousadas inquietas no leito do meu próprio rio.

Inconsciente, eu boiava, sobre as agulhas das respostas. As inquietações das perguntas ameaçam-me. Atirar-me? – Não me atirar??? Aonde? No rio? Que rio? Da minha vida? Do Mandaqui?

Será que vi chover? Sinto o vento forte, fustigando o meu rosto. Os papéis picados no chão estão paralisados como eu.

Algumas poucas folhas de árvores são atiradas pela força do vento de encontro à pequena murada do rio. Será que eu sairia viva? Meio viva? Morta? As inquietações atravessam a superfície do rio para boiar em mim como interrogações. O que tinha me posto ali? O quê? Quem tinha me posto ali? Quem? O quê? Quem? Eu! Boio como interrogações, naufraga de mim.

Lembrei-me eu que a febre da vida tinha me arrastado várias vezes por caminhos

dolorosos. Jogou-me inúmera vez contra barrancos de pedras e vales labirínticos sem saída. Eu adoecia, chorava. De quando em quando me era oferecida uma colher de amargo xarope, eu não curava, amansava minha revolta, deixando-me pronta para arrastar-me. Sempre. Isto é vida? Eu chamo de vida? Eu chamava de vida? Vida? Morte? Vida? – penso tranquila.

Parece que vai chover. Quando chove a natureza toda estremece. Muda de cor. Mudam os sons. Eu não estou ouvindo nada. Não ouço nem a mim mesma.

Quando foi que comecei a ausentar-me de mim? Quando? Quando foi que me abandonei ao curso inquieto dos fatos? Quando? Quando iniciou minha viagem sempre rua abaixo? Quando? Não sei... Quem sabe, se a primeira vez eu me arrastei foi aos pés de Ergos. (**Recorte 2**)

Ergos, professor da escola municipal do Mandaqui. Ele tinha como prática organizar pecinhas de teatro para as crianças representarem nas datas festivas. Nas datas da abolição da escravatura eu fui à escrava que suplicava ao senhor para não lhe bater a chicotes. Saí-me bem no papel. Talvez tivesse sido um treinamento para as outras tantas súplicas futuras. Pela ocasião do Natal, Ergos faria representar o nascimento de Jesus. Na Escolha das personagens eu escolhi para ser Maria. Foi um riso só. Ria Ergos. Riam

os meus colegas, menos o Joãozinho que queria ser José Carpinteiro. Fiquei olhando todos. Magoada sem entender. Ergos tentou convencer-me a fazer a Camponesa “ - Não, dizia eu”.

Final tinha me saído bem no papel anterior. Os risos aumentavam de intensidade. Diante de minha obstinação, Ergos disse: - “Maria não pode ser da sua cor”, Chorei, lágrimas sorriam entrecortadas por soluços. Isto fazia a hilaridade da criançada que improvisava um coro: - “Maria não é preta, é Nossa Senhora. Maria não é preta, é mãe de Jesus”.

Corri sala afora. Corri dos colegas, da aula, da escola.

Perseguia-me o coro e a algazarra da criançada que me apontava acusatoriamente: “Maria pretinha, quer ser mãe de Jesus”. Minha vontade era de gritar com todo o me fôlego: “E daí? O que é que tem? Não somos todos filhos de Deus? Deus tem cor?” Fiquei sufocada com as contestações presas na garganta.

O berreiro das crianças me aturdiava. Aturdem-me. Afastei-me para nunca mais voltar. Não conseguia entender nada.

Será que vai chover? As nuvens brancas passam velozes perseguidas pelas nuvens negras, que parecem querer sorver num só gole o céu inteiro. Sorri. Ali

estava o rio me lançando olhares lodosos. Era só eu me atirar, ele me sorveria inteira. Acabariam as dores, as dúvidas. E os rancores? Onde ficariam quando eu insistia em pensar, interrogar motivos. Sorria. O riso escondia uma revolta. Corroía-me da mesma forma que corroeu naquele dia. O riso escondia uma revolta. Não aceitava a vida. Não aceitava a revolta. Sorria abobalhada. Aprendi sempre que éramos todos iguais. Tinha acabado de fazer outra descoberta. Descobri que me arrastei e me arrastava na margem daquele rio. **(Recorte 3)**

Arrastei-me outra vez, ao olhar-me no espelho. Fitava-me atentamente. Lembrei do coro da garotada do passado. Ouvei num lampejo a famosa música de carnaval: “Nega de cabelo duro qual é o pente que te penteia”. Música que muitas vezes tinha dançado nos bailes do Paulistano da Glória, fantasiada de uma maneira de estarem sempre guardados, sob lenços coloridos, os meus cabelos enrolados.

Envergonhei-me de ser o que eu era: “Maria Pretinha”. Envergonhei-me dos cabelos das pessoas pretas que riam e pulavam numa inconsciente alegria. Insanamente, me armei de pente-de-ferro-quente e a todo vapor tratei de amansar a rebeldia de meus cabelos. Neste momento, ouvia aquelas vozes: “Há, há, há, ela quer ser Maria, mãe de nosso Senhor”. Tentando apagar o vozerio, alisava os cabelos. Alisava-os. Esticava-os

até não mais poder. Eu sabia, junto com os cabelos esticava a revolta. Domava minha consciência. Domava minha tolerância.

Parece que vai chover. Notei que a natureza se armava. Atarefava-se. Arrumava-se para a luta. Formava uma tempestade. Ouvia-se o ronco das nuvens, o longe, como tanques de guerra marchando, invadindo o campo de batalha do céu. Atarefada na prática de descaracterizar-me, ouvia o chiado vitorioso do ferro-quente sobre os meus cabelos: “Chiiii, chiiii, chiiii”. Eu demonstrava contentamento neste ato. “Chiii, chiii”, os cabelos reclamavam indefesos. Tive um acidente, um dia. Num descuido o instrumento autotorturador escapou de minhas mãos nervosas, caindo sobre o lado esquerdo do meu rosto. Foi um acidente. Queimei violentamente a face. Assustei-me. Tive febre. Num delírio febricitante ouvi vozes difusas; “Há, há, há, há. Maria Pretinha não pode ser Maria de nosso Senhor”. Saí. Ataduras brancas cobriram por muito tempo as cicatrizes esbranquiçadas, para sempre. Cicatrizes e cabelos falsamente lisos complementavam a desfiguração. Eu era triste caricatura borrada. Eu sou uma triste caricatura borrada.

Agora o rio convidava-me para dentro de sua escuridão lodosa.

Eu segurava na murada. As lágrimas acariciavam minhas cicatrizes. Chorava.

Chorei. O que eram as cicatrizes? “- Nada”. Alizei-me. Aleijava-me. Tantas vezes me arrastei. Sempre. Não doíam mais as marcas. Peguei o vício: arrastar-me. Arrastava-me, não ficava mais em pé. Eu era toda calos. O vício de curvar engoliu a coluna vertebral, obrigava-me a ficar ajoelhada, arrastando-me como ser sem pernas. Rastejava. Não conseguia olhar-me no espelho. Ah! Os espelhos sempre estão colocados acima dos rastejadores invertebrados como eu. Ali, de costas para o rio, eu estava em pé? Rastejava? Pensava em suicídio. Eu pensava? O medo? E o medo?

Será que vai chover? Medo! Os rastejadores também têm medo.

Na sarjeta tem uma barata olhando-me, mexe as antenas nervosamente. Ao som da trovoadá assusta-se, corre esconde-se no bueiro. Será que ela não sabe que vai chover? Eu não consigo me esconder.

As nuvens, prenhes de chuva, ameaçam assustadoramente, soltam grito rouco, dilacerante. Eu estou densa, prenhe de mim, de emoções, de calos. Quero soltar o grito rouco de minha dor. Mas sou toda calos. Tenho medo. Medo, calosidade gigantesca brotou impune ao som das dúvidas, à frente do pé, impedindo-me os caminhos. Deixei-o crescer, avolumar-se tanto que impunha barreira aos meus passos, incapacidade aos atos. Não consigo morrer. Não consigo viver.

Lembrei dos espelhos que são colocados acima dos rastejadores. Conseguia olhar no espelho? Via-me. Refletia-me o espelho. O que aconteceu? O que acontecia? Os calos cresceram tanto que me ergueram do meu rastejar. A coluna desenvergou. Pensei em viver.

O lodo do rio Mandaqui engrossou, deu-me a impressão de asfalto. Se pulasse para dentro de seu bojo não boiaria, não afundaria. Não morreria? Pensei em vida. O lodo asfáltico refletiu-me. Era a primeira vez que me via depois de ter-me transformado numa calosidade ambulante. Eu sou feia! Não eu sou bonita! As durezas calosas não conseguiram encobrir-me totalmente.

Observei, tornei a observar-me, cara a cara no rio asfáltico, numa coragem impaciente. Fazia muito tempo que não experimentava tal sentimento. Abracei-me toda. Cutucava-me aquelas estranhas aderências adquiridas. Sentia-me importunada por elas, incomodavam-me demais. Revoltei-me, fitava o monstro que eu me tornei. Com os olhos estranhamente arregalados, arranquei num grito a boca da face. O corpo estremeceu todo. A boca cresceu, ficou enorme. Enormes dentes como lanças agaravam-se nas extremidades daqueles monstruosos apêndices protuberantes. Insana decidida devorei-me todas as rebarbas. Medo protruso foi o último. A minha enorme boa, fora de mim lutou

e comeu-o todo. Na luta alguns pingos, como chuva, respingaram em meus pés, e mãos o líquido armazenado nele, dede a primeira vez que me arrastei. Nenhum caiu em minhas costas e cabeça;

Magicamente a minha boca diminuiu, tomou seu lugar no meu rosto. Arrotei fundo como uma trovoada. As nuvens gargalharam em corisco, começou a cair chuva do céu. O rio movimentou-se em seu curso. Em pé olhei-me novamente no espelho: não rastejava mais, não portava mais inconvenientes corcundas. Soltei-me em emoções. Abracei-me à vida. Caminhei. (**Recorte 4**)

O discurso **Um só gole** de Miriam Alves projeta uma enenação literária, que espelha o percurso de um sujeito excluído socialmente e cuja identidade é negada pela elite. Nesse discurso, encenam-se memórias do sujeito, acionadas por lembrança do passado, conduzindo o co-enunciador a acreditar. Lacan afirma que “o sujeito passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia” (LACAN, 1964, p.96). Por isso, o sujeito assume-se como um sujeito que se vê pensando como um outro sujeito em um espaço e tempo que não representa o aqui e agora do sujeito que enuncia, mas confunde-se com ele.

Grosso modo, podemos dizer que, nessa produção literária de Miriam Alves, o sujeito movimenta uma cenografia de monólogo interior, para refletir, mostrar e validar como a discriminação sofrida na infância desencadeia angústias, traumas e desejo de morte. Por isso, o sujeito constrói uma cenografia, buscando na memória um trauma de vida, enunciando na ordem em que suas lembranças

vão surgindo. Por meio dessa estratégia, o sujeito, no discurso literário de Miriam Alves, se instaura por meio de uma cenografia de oposições, tensões e conflitos pessoais, sendo constantemente criada por um processo aberto, interminável.

A cenografia, construída no/pelo discurso **Um só Gole**, movimenta, assim, um estado de confusão e ansiedade do sujeito, que caminha sem rumo pelas margens do rio Mandaqui, sem controle sobre suas ações, ao enunciar a falta de alguém que o guie na vida.

Recorte 1)

Enquanto os meus pés, levando-me percorrem avenidas cravejadas de pedras, dirijo-me guiada pelos meus pensamentos. Não importa para onde vou. Eu vou. Eu ia interrogar-me o motivo deste ato. Pensei em suicídio, várias vezes. Tenho medo.

Essas considerações tornam-se importantes para compreensão de como a cenografia, no discurso de Miriam Alves, legitima a centralidade do sujeito, dando ao co-enunciador uma sensação de entender a opressão imposta à vida do sujeito. Além disso, a cenografia utiliza metáforas relacionadas ao clima, para explicitar o estado de espírito que afeta o sujeito, preso em sua própria mente, tornando-o incapaz de decidir viver ou morrer ou libertar-se de seus pensamentos sombrios. De certo modo, a cenografia descreve legitima o estado emocional e conflituoso do sujeito, que luta com sentimentos de repressão, inquietação e de desejo de suicidar-se. Assim, embora a cenografia nesse discurso não se limite a explicitar os objetivos do Discurso Literário Negro, ela visa a transcendê-los por sua maneira de exceder às cenas validadas sobre as quais ela mesma se apoia. (**Recorte 2)**

A cenografia em **Um só gole** possibilita ressaltar o papel das reflexões que o sujeito recupera de sua memória e que o faz perceber os danos causados pelo racismo sofrido, quando criança e que desencadearam suas angústias, alucinações e desejo de “ausentar-se de si”. Consciente de sua condição de pele negra, reconhecida impiedosamente pelos colegas de classe e pelo professor, o sujeito pensa em suicídio como um desejo do inconsciente. Assim, por meio de reflexões que trazem à tona um trauma de infância, a cenografia encena o sofrimento vivido por **Maria pretinha**, enquanto caminha pelas avenidas da cidade, refletindo consigo mesma e imaginando suicídio. O desejo de suicídio do sujeito é determinado pela história, interpelado por formações discursivas e orientado pelo inconsciente, pois sua enunciação emerge das condições sócio-históricas em que o discurso **Um só Gole** foi produzido e que podem ser examinadas à luz da AD e da Psicanálise, na medida em que ambas as disciplinas podem contribuir para a compreensão do sujeito. **(Recorte 3)**

Neste sentido, consideramos a cenografia de monólogo interior uma dimensão criativa do discurso literário de Miriam Alves, em que a autora, a escritora e a enunciadora, comportando-se em clima de tensão, compartilham a mesma identidade, nomeando-se como sujeito, para engendrar o simulacro de um momento e de um espaço, que representa uma possibilidade de exercício de um papel social conhecido, visando a evidenciá-lo. A cenografia de monólogo encena, portanto, nesse discurso de Miriam Alves, o fluxo de consciência do sujeito, de seus pensamentos, fazendo uma exposição do real, para veicular processos mentais e conteúdos psíquicos como uma resposta refletida a um problema vivido, uma vez que eles nascem do inconsciente. Esse discurso, em síntese, encena a história de um sujeito, uma mulher preta, que vive momentos difíceis da vida, decorrentes de acontecimento

traumatizante ocorrido na infância, na escola. O discurso literário **Um só gole**, enfim, propõe-nos refletir sobre o racismo, com base em conteúdos verdadeiros, mas cuja cenografia, por meio de uma condição paratópica do processo de criação, constrói uma situação enunciativa, para levar o co-enunciador a pensar sobre o sujeito que aqui enuncia. (**Recorte 4**).

Enfim, o Discurso Literário Negro apresenta-se como um efeito estético-discursivo de criação e recriação da realidade. Por isso, pode ser apreendido, também, como uma manifestação do inconsciente, para mediante a discursividade, revelar experiências vividas. Essas experiências, sem dúvidas, interessam à AD e à Psicanálise.

À guisa de Considerações finais

Neste capítulo, buscamos examinar a categoria sujeito e tomamos como objeto de análise o Discurso Literário Negro **Um só gole**, recortado de *Mulher mat(r)iz*, escrito por Miriam Alves, considerando as manifestações histórico-sociais e do inconsciente. Evidenciamos que a abordagem enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau representa um avanço no debate sobre o sujeito e que a abordagem psicanalítica permite-nos considerar sentimentos profundos do sujeito por uma via simbólica, ou seja, discursiva.

O debate sobre a relação sujeito na AD e na Psicanálise é, realmente, complexa e envolve abordagens teóricas distintas. Ambas as disciplinas buscam compreender a constituição do sujeito, mas o fazem com base em perspectivas diferentes, o que pode levar a interpretações diversas. Na AD, por um lado, o sujeito é apreendido comum um ser histórico-social, cuja identidade e moldada por

práticas discursivas e por relações de poder que circulam em nossa sociedade. A discursividade desempenha papel fundamental na constituição do sujeito, pois reflete e veicula o funcionamento social.

Por outro lado, na Psicanálise, o sujeito é abordado de maneira intrapsíquica, considerando os processos inconscientes, os traumas, os conflitos psíquicos e o papel do desejo, como pudemos observar no Discurso Literário Negro, *Um só gole*, escrito por Miriam Alves. Nosso estudo mostrou-nos que tanto a AD quanto a Psicanálise oferecem contribuições valiosas para a compreensão do sujeito, mas em níveis diferentes. A AD, por meio de seu constructo teórico-metodológico, destaca a dimensão sócio-histórica da constituição do sujeito, enquanto a Psicanálise enfatiza os aspectos psíquicos e inconscientes. Podemos argumentar que uma abordagem integrativa, que considere tanto as influências histórico-sociais quanto os processos do inconsciente possam enriquecer a compreensão do sujeito. A discursividade, por exemplo, poder ver vista como uma interface entre as dimensões sociais e as psíquicas, desempenhando um papel um papel mediador na articulação de experiências individuais e coletivas.

Assim, ao invés de buscar conclusões definitivas, é produtivo que reconheçamos a complementaridade entre a AD e a Psicanálise e promovamos uma interdisciplinaridade, a fim de que uma disciplina dialogue com a outra e enriqueça nossa compreensão do sujeito. Uma abordagem interdisciplinar pode, ainda, proporcionar insights mais profundos sobre como as dimensões histórico-sociais e psíquicas se entrelaçam na constituição do sujeito.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução de J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.
- _____. *Iniciación a la filosofía para los no filósofos*. Buenos Aires: Paidós, 2015.
- ALVES, M. Miriam Alves (depoimento). In: QUILOMBHOJE. *Cadernos Negros 8. Contos*. São Paulo: Autores, 1985.
- _____. Um só gole. In: _____. *Mulher Mat(r)iz*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- _____. Entrevista. In: DUKE, D. (Org.). *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- ASSOUN, P.-L. *Littérature et Psychanalyse*. Paris: Ellipses, 1996.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
- COURTINE, J. J. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Tradução de Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.
- CUTI. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade – ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M.A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- FERREIRA, M. C. L. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- FOUCAULT, M. Lacan, o “Liberatore” da Psicanálise. In: _____. *Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

- HARRIS, Z. Discourse analysis. In: *Papers in Structural and Transformational Linguistics*. Holanda, D. Reidel Publishing Company, 1970[1952] p. 312-348.
- LACAN, J. O sujeito e o outro (I): a alienação. In: O seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.
- _____. *Le séminaire, livre III: les psychoses*. Paris: Seuil, 1981.
- _____. *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LEANDRO-FERREIRA, M. C. A trama enfática do sujeito. In: *Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2*. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- KRISTEVA, J. Le sujet en procès. In: _____. *Polylogue*. Paris: Seuil, 1977a.
- _____. Politique de la littérature. In: _____. *Polylogue*. Paris: Seuil, 1977b.
- GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.
- HAROCHE, C. et.al. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: BARONAS, R. *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção conceito de formação discursiva*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- _____. *Termos-chave em análise de discurso*. Tradução Márcio Barbosa, Maria Torres Lima. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- _____. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson Barros da Costa. *Revista do GELNE*, [S. l.], v 2, n. 1, p. 1-12, 2000.

- _____. *O discurso literário*. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. A análise do discurso e suas fronteiras. *Matraga*. Rio de Janeiro, v.14, n. 20, p. 13-37, 2007.
- _____. *Cenas da enunciação*. Tradução Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008a.
- _____. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008b.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. *Comciência*. Campinas: Labjor-Unicamp, n. 89, jul. 2007. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1988.
- _____. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 2007.
- SANTOS, M. C.. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- SILVA, M. C.; CASSIANO, F. G. (Orgs). *Materialismo lacaniano e literatura – e se o oposto fosse verdade?* Maringá: Motim, 2023.